

# A CAMINHADA CRISTÃ NA HISTÓRIA

ALDERI SOUZA DE MATOS

# A CAMINHADA CRISTÃ NA HISTÓRIA

A Bíblia, a Igreja e a Sociedade Ontem e Hoje



**Editora Ultimato**  
Viçosa, MG

A CAMINHADA CRISTÃ NA HISTÓRIA  
Categoria: Espiritualidade/ Igreja/ Teologia

---

Copyright © 2005, Alderi Souza de Matos

*Primeira edição:* Julho de 2005  
*Revisão de provas:* Bernadete Ribeiro e Daniela Cabral  
*Diagramação:* B. J. Carvalho  
*Capa:* Magno Paganelli

---

Matos, Alderi Souza de, 1952-

M433c      A caminhada cristã na história : a Bíblia, a igreja e  
2005      a sociedade ontem e hoje / Alderi Souza de Matos. –  
Viçosa, MG: Ultimato, 2005.  
256p. ; 21 cm

Inclui bibliografia e índice  
ISBN 85-86539-84-8

1. Cristianismo. 2. História eclesiástica. I. Título.

CDD. 22.ed. 270

---

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO  
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA  
Caixa Postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557  
E-mail: [ultimato@ultimato.com.br](mailto:ultimato@ultimato.com.br)  
[www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)

*Seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo  
naquele que é o cabeça, Cristo.*

Apóstolo Paulo,  
Epístola aos Efécios, 4.15

# Sumário

*Prefácio*

## **I – Igreja**

1. Vós Sois Corpo de Cristo: *Reflexões Histórico-Teológicas Sobre a Igreja Cristã*
2. Pastoreia as Minhas Ovelhas: *O Ministério Cristão em Perspectiva Histórica*
3. O Papado: *Sua Origem, Evolução Histórica e Significado Atual*
4. Eunucos Por Causa do Reino dos Céus: *Reflexões sobre o Celibato Clerical à Luz da História da Igreja*

## **II – Teologia**

5. Fé e Dogma: *As Controvérsias Cristológicas da Igreja Antiga*
6. *Sola Scriptura*: *A Centralidade da Bíblia na Experiência Protestante*
7. Até que ele Venha: *A Expectativa do Fim na História do Cristianismo*
8. Quem Dizeis que Eu Sou? *Perspectivas sobre Jesus Cristo no Decorrer da História*
9. Creio na Ressurreição do Corpo: *Os Primeiros Cristãos e a Reencarnação*

## **III – Espiritualidade**

10. Visões de Jesus Cristo: *Teologia e Arte Através da História*
11. Os Átrios do Senhor: *O Significado dos Templos Cristãos no Decorrer dos Séculos*
12. Zelo sem Entendimento: *Os Problemas do Entusiasmo Religioso na História do Cristianismo*
13. Aviva, Senhor, a tua Obra: *Os Grandes Despertamentos Norte-Americanos*

#### **IV – Missões**

14. A Toda Tribo, Povo, Língua e Nação: *O Crescimento da Igreja Através dos Séculos*
15. Estrangeiros e Peregrinos sobre a Terra: *A Imigração e a Evangelização na História Missionária da Igreja*
16. Alarga o Espaço da tua Tenda: *Missões Católicas e Protestantes a Partir do Século 16*
17. A Tua Palavra é a Verdade: *A Saga dos Irmãos Morávios*

#### **V – Questões Éticas**

18. Fazei o Bem a Todos: *Os Cristãos e a Responsabilidade Social*
19. Não por Força nem por Violência: *Atitudes dos Cristãos em Relação à Guerra no Decorrer da História*
20. Herdeiros da Mesma Graça de Vida: *A Família na Experiência dos Reformadores*
21. A Homossexualidade no Ocidente: *Uma Perspectiva Histórica*
22. O Gemido da Criação: *Os Cristãos e a Questão Ecológica*

#### **VI – Cristianismo e Sociedade**

23. Cristãos e Muçulmanos: *Uma Longa História de Conflitos*
24. Polônia: *Religião e Política na Encruzilhada da Europa*
25. O Reino, o Poder e a Glória: *As Igrejas Evangélicas Alemãs e o Regime Nazista*
26. Carta a um Universitário Cristão  
*Bibliografia Adicional*  
*Índice dos Personagens*

## Prefácio

Este livro reúne uma série de artigos sobre temas históricos publicados na revista *Ultimato* entre o final do ano 2000 e o início de 2005. Os textos sofreram algumas modificações e foram agrupados em torno de seis grandes tópicos: igreja, teologia, espiritualidade, missões, questões éticas e cristianismo e sociedade. Visando tornar o material mais prático e relevante para os leitores, no final de cada capítulo foi acrescentado um questionário para reflexão pessoal ou discussão em grupo, bem como algumas sugestões bibliográficas para estudo adicional. Além disso, no final do livro consta uma relação de obras gerais de história da igreja disponíveis em português e um índice de personagens. Exceto onde indicado de outra maneira, o texto bíblico utilizado é a versão Almeida Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.

O assunto geral do livro é a história do cristianismo. O autor entende que essa é uma área muito importante, mas muito negligenciada por um grande número de cristãos. A história da igreja é valiosa sob muitos aspectos. Em primeiro lugar, é a narrativa e a interpretação da caminhada da comunidade cristã no mundo ao

longo dos séculos. Conhecer a história da igreja dá aos cristãos um senso das suas origens, das suas raízes, da sua identidade, do fato de que são herdeiros de muitas gerações de irmãos que os precederam na fé. Além disso, essa história é valiosa por mostrar como a igreja tem se comportado, positiva ou negativamente, diante das oportunidades e desafios com que tem se defrontado, o que pode servir de inspiração ou advertência para os cristãos atuais em suas próprias experiências. Adicionalmente, a história cristã é uma rica fonte de informações sobre os mais variados aspectos da vida, convicções, práticas e atividades da igreja.

A primeira seção começa abordando o próprio conceito de igreja, para em seguida tratar de alguns temas ligados à liderança eclesial: o significado do ministério cristão, a instituição do papado e o celibato clerical. A segunda seção volta-se para questões tipicamente teológicas ou doutrinárias como os antigos debates cristológicos, o significado das Escrituras, o final dos tempos, as diferentes concepções acerca de Cristo e a posição cristã quanto à reencarnação. A terceira seção analisa alguns pontos ligados à espiritualidade cristã, a saber, as representações de Cristo na arte sacra, o significado dos espaços sagrados, a questão do entusiasmo religioso e o fenômeno dos avivamentos. O tema das missões é tratado na quarta seção, aí se incluindo a expansão geográfica da igreja, a relação entre imigração e evangelização, missões católicas e protestantes e a experiência dos irmãos morávios. As questões éticas abordadas na quinta seção incluem a responsabilidade social, atitudes em relação à guerra, a família na visão dos reformadores, a homossexualidade e a questão ecológica. A última seção, referente a cristianismo e sociedade, trata da interação entre cristãos e muçulmanos, religião e política em dois países europeus (a Polônia do século 16 e a Alemanha nazista) e os desafios enfrentados pelos universitários cristãos.



Os textos têm uma linguagem simples, clara e objetiva, buscando despertar o interesse dos leitores não especialistas por alguns tópicos representativos dentre os muitos que compõem a história da igreja. O autor não pretende ser neutro, mas escreve a partir de um compromisso com a Escritura, com a fé cristã histórica e com a tradição protestante e reformada. Todavia, nos assuntos que envolvem divergências entre as diversas correntes do cristianismo, procurou-se evitar a polêmica e mostrar de maneira serena as diferentes posições abraçadas. Os textos visam despertar os leitores para uma consciência mais vívida do valor da história, objetivando a melhor compreensão do mundo e da igreja de hoje. Vale lembrar que, bem ou mal, essa história continua sendo escrita pelos cristãos atuais. Espera-se que, inspirados pelo que há de mais edificante e nobre na história da igreja, os seus herdeiros possam agir de maneiras que engrandecem a Deus e dignifiquem a vida humana.

*Alderí Souza de Matos*

# I – I GREJA

# 1. Vós Sois Corpo de Cristo

## *Reflexões Histórico-Teológicas Sobre a Igreja Cristã*

Ao se estudar a história do cristianismo, é importante refletir em primeiro lugar sobre o que é a igreja cristã, qual o seu significado, sua natureza e seus limites. O Novo Testamento grego usa a palavra *ekklesia* no singular e no plural, ou seja, tanto para referir-se a uma comunidade cristã específica – uma igreja local (Mt 18.17; At 8.1; 14.23; Rm 16.5; 1 Co 1.2; 4.17; Fp 4.15; Cl 4.15,16; Ap 2.1), quanto a um conjunto dessas comunidades, geralmente localizadas em uma determinada região (At 15.41; Rm 16.4,16; 1 Co 7.17; 2 Co 8.1; Gl 1.22; 1 Ts 2.14; 2 Ts 1.4; Ap 1.4). Mais intrigante, e certamente mais complexo, é o uso do termo no singular, porém com um significado coletivo, isto é, com referência a uma realidade mais ampla e mais profunda, como é o caso da passagem clássica de Mateus 16.18 (“... sobre esta pedra edificarei a minha igreja”). Esse uso teologicamente mais denso do termo também pode ser visto em textos como Atos 20.28 e em várias passagens das epístolas aos Efésios e aos Colossenses (Ef 1.22,23; 3.10,21; 5.23-32; Cl 1.18,24).

Mas o que é afinal “a igreja” nesse sentido mais abrangente e mais profundo? O Novo Testamento parece dar uma dupla resposta a essa pergunta. Por um lado, ela é uma realidade espiritual e mística, o corpo de Cristo, e como tal é invisível aos olhos

humanos. Trata-se do conjunto dos verdadeiros crentes, passados, presentes e futuros, daqueles que pertencem a Cristo e o reconhecem explicitamente como Salvador e Senhor, onde quer que se encontrem (Ef 1.23; 2.16; 4.4,12,16; Cl 1.18,24; 2.17,19; 3.15). Por outro lado, em um sentido mais concreto e palpável, esse corpo é o conjunto visível daqueles que professam a fé cristã e se reúnem em comunidades (Rm 12.4,5; 1 Co 10.17; 12.12-27; Ef 3.6; 5.30). Nesta segunda acepção, o Novo Testamento utiliza várias outras figuras para designar a igreja: povo de Deus, família, edifício, rebanho, lavoura de Deus, etc. Em nenhum desses dois aspectos neotestamentários o termo “igreja” se refere a uma estrutura, a uma organização, mas é sempre uma realidade invisível, o corpo místico, ou visível, o conjunto dos fiéis.

### **A igreja institucional**

Em contraste com o período apostólico, no final do primeiro século e início do segundo começou a surgir a idéia de que a igreja é uma instituição e de que essa instituição consiste essencialmente no colegiado de seus líderes. Esse foi um período ao mesmo tempo fértil e conflitivo para o cristianismo, uma época em que os cristãos precisaram definir com mais clareza a sua identidade diante de múltiplos desafios externos e internos com que se defrontavam. Entre os desafios externos estavam as perseguições movidas pela sociedade e pelo estado romano, bem como as críticas simplistas ou sofisticadas feitas pelo mundo pagão. O principal desafio interno consistiu no surgimento de interpretações distintas e por vezes divergentes da fé cristã. Isso significa que o movimento cristão não era uniforme ou homogêneo, mas caracterizava-se por uma grande diversidade de convicções e práticas.

Diante da existência de grupos dissidentes como docetistas, gnósticos, marcionitas, montanistas e outros, logo surgiu a questão:

Onde está a igreja verdadeira e como identificá-la? A resposta foi o que se convencionou chamar de “igreja católica”, expressão essa que surge pela primeira vez na literatura conhecida numa carta do bispo Inácio de Antioquia datada aproximadamente do ano 110. A “igreja católica” passou a ser uma designação da igreja majoritária, do cristianismo normativo e ortodoxo, fiel aos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos, em contraste com os movimentos alternativos, considerados falsos ou heréticos. Essa “igreja católica” do segundo século caracterizava-se por três elementos essenciais de unidade e estabilidade: a aceitação de um conjunto de livros tidos como divinamente inspirados (as Escrituras Hebraicas e o cânon do Novo Testamento), a declaração formal dos pontos centrais da fé cristã (o credo, geralmente em forma trinitária) e especialmente a concentração da autoridade nas mãos de um único líder em cada igreja local (o bispo monárquico). Associado a isso, surgiu o conceito de sucessão apostólica.

O bispo, considerado o sucessor direto dos apóstolos, passou a ser visto como o guardião tanto da unidade quanto da ortodoxia da igreja. A igreja estava presente onde o bispo, o representante de Cristo, estivesse presente. E o conjunto de todos os bispos constituía a igreja no sentido mais amplo. Quem estivesse em comunhão com os bispos estava na igreja; quem não estivesse em comunhão com os bispos, estava fora da igreja. A partir daí, a identificação da igreja com a hierarquia eclesiástica passou a ser cada vez mais acentuada, como se pode observar nos escritos de Cipriano de Cartago, um destacado líder cristão que viveu no norte da África no século terceiro.

### **Igrejas dissidentes**

Uma situação particularmente interessante surgiu no quarto século, no contexto da última grande perseguição movida contra

os cristãos pelo Império Romano ocidental. A partir do ano 303, o imperador Diocleciano e depois dele o seu sucessor Galério tentaram eliminar o cristianismo. Uma das medidas adotadas para tal foi a destruição de cópias das Escrituras. Os ministros cristãos eram pressionados a entregar os manuscritos bíblicos, e aqueles que o fizeram ficaram conhecidos como “traidores” (literalmente “entregadores” e, por extensão, “traidores”). Acontece que, numa eleição episcopal realizada no norte da África, um dos bispos consagrantes do bispo eleito foi acusado de ser um “traidor”. Isso deu início ao chamado cisma donatista (de Donato, um dos líderes do cisma), um movimento perfeccionista que resultou em uma igreja separada da igreja católica, e paralela a esta. Na região da Numídia havia, nas mesmas cidades, igrejas católicas e donatistas lado a lado. Foi somente no início do quinto século que o cisma donatista foi eliminado mediante intervenção estatal, medida essa apoiada pelo grande bispo e teólogo Agostinho. Em suma, considerou-se que a igreja donatista não era uma igreja verdadeira, não merecia o nome de igreja.

A partir de então, a Igreja Católica, agora poderosa e aliada do Estado, passou a combater sistematicamente qualquer dissidência religiosa. A igreja tornou-se uma organização cada vez mais coesa, monolítica, centralizada no clero e especialmente na figura do bispo de Roma, elevado à condição de líder supremo, o papa. Surgiu gradativamente, ao longo da Idade Média, o conceito de cristandade, a visão de uma sociedade unificada tanto política quanto religiosamente, tendo no seu topo as figuras dos reis e dos bispos, do imperador e do papa. Aqueles que ousassem divergir eram duramente reprimidos, como aconteceu com os cátaros, uma seita sincrética do sul da França, que foi eliminada em grande parte através de uma série de cruzadas no início do século 13.

Foi nesse período que se formalizou a punição dos hereges com a criação da Inquisição papal ou Santo Ofício.

Se os cátaros dificilmente poderiam ser considerados seguidores do cristianismo histórico, em face das suas convicções gnósticas e maniqueístas, tal não se poderia dizer de outro movimento francês do século 12, os valdenses (do nome do líder inicial, Pedro Valdès), inicialmente conhecidos como os “homens pobres de Lião”. Caracterizados pelo seu apego às Escrituras e por um estilo de vida simples, os valdenses foram igualmente reprimidos, somente sobrevivendo por terem se refugiado em alguns vales remotos dos Alpes no norte da Itália. O mesmo se pode dizer do movimento iniciado pelo sacerdote inglês João Wyclif e seus seguidores, os lolardos, no final do século 14. A crítica da igreja medieval com base nas Escrituras, empreendida por Wyclif, encontrou eco em um sacerdote checo, João Hus, que acabou morto na fogueira pelo Concílio de Constança, em 1415. Seus seguidores, os hussitas ou irmãos boêmios, mais tarde conhecidos como irmãos morávios, constituíram um movimento extremamente equilibrado, bíblico e cristocêntrico, embora estivessem excluídos da igreja oficial. Com o advento da Reforma Protestante, tanto os valdenses quanto os irmãos morávios abraçaram o protestantismo, sendo, portanto, igrejas evangélicas anteriores à Reforma. Todos esses grupos tiveram-lhes negado o status de igrejas, embora certamente o merecessem.

### **A perspectiva protestante**

A Reforma Protestante foi, entre outras coisas, o questionamento da noção de que uma determinada tradição cristã tem o direito exclusivo ao título de igreja. Antes, os reformadores afirmaram que, onde quer que o povo de Deus se reúna para ouvir a pregação fiel das Escrituras e receber a ministração dos sacramentos bíblicos aí

está presente a igreja. Com essa nova mentalidade, o protestantismo abriu as portas para a diversidade dentro do cristianismo. Como a igreja não se reduziu a instituições ou estruturas eclesiais, os protestantes aceitaram com relativa facilidade a existência de diferentes ramos no seu movimento: inicialmente luteranos, calvinistas, anabatistas e anglicanos; posteriormente, batistas, congregacionais, metodistas e muitos outros. Além disso, na cosmovisão protestante não existe a distinção entre clero e leigos – todos são “leigos” (do grego *laós*, ou seja, “povo”, o povo de Deus) e sacerdotes ao mesmo tempo (ver 1Pedro 2.9-10). Antes de ser a “mãe dos fiéis”, a igreja é a “comunhão dos santos”.

Ainda que as divisões protestantes tenham seus aspectos tristes e condenáveis, elas implicam no reconhecimento tácito de que nenhum grupo pode arrogar para si o direito de ser a manifestação plena e exclusiva da igreja de Cristo. Nenhuma igreja evangélica, por mais bíblica que se considere, pode, em sã consciência, considerar-se “a igreja”, à exclusão de todas as demais. Existem muitas “igrejas”, no sentido de agremiações cristãs, mas uma só “igreja”, no sentido mais pleno da palavra, o corpo espiritual e invisível de Cristo ou o conjunto de todos os verdadeiros seguidores de Cristo, que inclui pessoas de todas as igrejas, sejam elas protestantes, católicas ou ortodoxas, e até mesmo indivíduos que, por algumas razões excepcionais, não estão filiados a nenhuma denominação cristã. Somente Cristo conhece os que são seus.

### **Acontecimentos recentes**

Diante de tudo isto, é estranho que alguns dirigentes cristãos continuem insistindo na tese de que a sua agremiação religiosa é “a igreja” por excelência, ou, pior ainda, que uma determinada estrutura eclesial pode ser assim considerada. Até mesmo nos meios protestantes isso tem ocorrido, quando certos líderes



eclesiásticos, referindo-se a grupos que adotam uma postura de discordância ou oposição a uma cúpula dirigente, dizem que os mesmos estão rebelados contra a igreja e contra Deus, ficando sujeitos aos castigos divinos. Essa postura revela um lamentável equívoco quanto ao conceito bíblico e evangélico do que é de fato a igreja em sua expressão mais elevada – não é a denominação, a estrutura, a instituição humana, e muito menos a sua liderança. Essas realidades são importantes e a Escritura ensina a obediência aos líderes da igreja, na medida em que se mantenham fiéis à própria Escritura. Contudo, não se deve perder de vista o que é mais essencial: a igreja como o corpo de Cristo ou o povo de Deus, que se reúne para adorá-lo e se dispersa para servi-lo e dar testemunho dele diante do mundo.

No ano 2000, protestantes do mundo inteiro ficaram surpresos com uma declaração oficial emitida pelo Vaticano afirmando ser a Igreja Católica Romana a única igreja verdadeira. O cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, agora o papa Bento XVI, condenou a aplicação da expressão “igrejas irmãs” às igrejas protestantes (elas seriam somente “comunidades eclesiais”) e o documento *Dominus Iesus* declarou que as igrejas que não possuem um “episcopado válido e a substância integral e genuína do mistério eucarístico não são igrejas no sentido apropriado”. Líderes eclesiásticos de todos os matizes teológicos fizeram ouvir o seu protesto, mostrando que alguns temas teológicos controvertidos do século 16 continuam relevantes no início do terceiro milênio. Para os herdeiros da Reforma a questão é clara: a igreja invisível é uma realidade que somente Deus conhece; já a igreja visível é, acima de tudo, o povo de Deus, o conjunto dos fiéis, onde quer que se encontrem. Nas palavras do apóstolo dos gentios aos coríntios e a nós: “Vós sois corpo de Cristo e, individualmente, membros desse corpo” (1Co 12.27).

### **Perguntas para reflexão**

1. À luz do Novo Testamento, o que é essencialmente a igreja?
2. A igreja institucional é necessariamente má? Quais são os seus aspectos positivos e negativos?
3. À luz do ensino bíblico, é válida a distinção entre clero e leigos?
4. Todo grupo pretensamente cristão tem direito ao título de igreja? Quais os elementos mínimos que caracterizam uma genuína igreja cristã?
5. Os líderes da igreja devem ser obedecidos sempre e incondicionalmente?

### **Sugestões bibliográficas**

- BRUNNER, Emil. *O equívoco sobre a igreja*. São Paulo: Editora Novo Século, 2000.
- CAVALCANTI, Robinson. *A igreja, o país e o mundo: desafios a uma fé engajada*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2001.
- CLOWNEY, Edmund. *A igreja*. Série Teologia Cristã. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2005.
- GETZ, Gene. *A igreja: forma e essência: o corpo de Cristo pelos ângulos das Escrituras, da história e da cultura*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994.
- KITTEL, Gerhard (Ed.). *A igreja no Novo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1965.
- LLOYD-JONES, D. Martyn. *Que é a igreja?* São Paulo: PES – Publicações Evangélicas Seleccionadas, s/d.
- STEDMAN, Ray C. *Igreja: corpo vivo de Cristo*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1991.